

CORPO, DANÇA, MOVIMENTO E ARTE: PERCEPÇÃO E EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA CIBERCULTURA*

Dra. Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Este artigo tem o objetivo de apresentar um diálogo conceitual entre o corpo, a dança, o movimento e a arte sob o prisma da percepção e de experiências vividas na cibercultura e na cultura livre, tendo em vista principalmente as noções e as contribuições da fenomenologia merleau-pontiana. Neste exercício, deparamos-nos com a intrigante e instigante complexidade do corpo com suas emoções, sentimentos, ações, pensamentos, técnicas, histórias e imaginários, desdobrando-se e dilatando-se em plasticidades, criando interfaces que se revelam na construção de linguagens artísticas e dançantes em que significações e símbolos se manifestam no corpo, no tempo e no espaço da cultura digital. Nestas experiências, presume-se que os impactos sobre o enunciatário possam ser elencados e analisados. Compreender os conceitos que transitam e dialogam sobre o corpo e a dança na cibercultura, pode ser significativo para a percepção sobre como o sujeito enunciatário inserido na cultura digital, estabelece, cria, ressignifica a si mesmo e suas relações com o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Dança. Arte. Cibercultura. Experiência Viva.

1. Primeiras palavras

Na década de 60 do século XX, tanto a arte como a ciência passaram por mudanças conceituais fundamentais resultantes de um movimento mundial de transformações políticas e socioculturais tendo como pano de fundo, por exemplo, o avanço das tecnologias e seus desdobramentos.

Historicamente a tecnologia tem movimentado e alterado as fronteiras entre os seres humanos, seus corpos, seus saberes, seus valores, suas relações, suas experiências e percepções. Nunca a ciência, a arte e a técnica estiveram tão atreladas. Basta observarmos ao nosso redor tudo o que nos cerca hoje em casa, na escola, no trabalho, nas ruas, nos teatros etc.

Hoje, o corpo, o tempo e o espaço se conectam e se fundem através das fibras óticas, satélites e do *wireless*. O imaginário e as ideias se concretizam em experiências vividas não só num corpo de carne e osso, mas em corpos cibernéticos, corpos virtuais e avatares nas suas mais variadas formas. Nessa perspectiva, a percepção sobre o corpo, o movimento, o mundo, a cultura, a ciência e a arte sofrem profundas alterações. A arte e a ciência, nesta perspectiva, integram-se como formas de conhecimento e consolidam uma relação dialógica.

Neste cenário, Merleau-Ponty (1994), contribui para uma cara compreensão sobre o conceito científico e artístico de “percepção”. Para o filósofo francês, a noção de percepção está associada às sensações como atitudes corporais. Ou seja, a experiência perceptiva é uma experiência corporal e também uma experiência vivida no âmbito do sensível e do inteligível. Interessante ressaltar que para o filósofo, o conceito de corpo está associado a sua inteireza que reúne as naturezas anátomo-funcionais, emocionais, históricas e culturais (MERLEAU-PONTY, 1994).

* XIV EVIDOSOL e XI CILTEC-Online – junho/2017 – <http://evidosol.textolivre.org>

Assim, este artigo tem o objetivo de apresentar um diálogo conceitual entre corpo, dança e arte sob o prisma da percepção e de experiências vividas na cibercultura por meio da cultura livre tendo em vista, principalmente, as noções e as contribuições da fenomenologia merleau-pontiana.

2. Corpo: o princípio

Na percepção não pensamos no objeto e não pensamos como o pensante, estamos no objeto e confundimo-nos com este corpo que sabe mais do que nós sobre o mundo, sobre os motivos e os meios que temos de realizar sua síntese (MERLEAU-PONTY, 1994, p.244).

Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) um dos mais notáveis filósofos do século XX, em seus estudos avançou no conceito de corpo e de percepção ao descrever o ser como um ser uno e indivisível, que não é fragmentado ou dicotomizado em corpo e alma, mas aponta o homem como uma totalidade integrada de seus pensamentos, suas ações, seus sentimentos, seus valores e também de sua forma anátomo-funcional. Embora, filosoficamente, os conceitos de homem e de corpo tenham sido revisitados com outros olhares, é conhecida a contribuição de Merleau-Ponty no campo da fenomenologia que, acentuadamente, se preocupou em romper a dicotomia ou fragmentação desse corpo, bem como a supremacia de um sobre o outro. Corpo, para esse autor, assumiu um significado que dialoga com sua própria reflexibilidade e a visibilidade:

O enigma resulta disso: em que meu corpo é ao mesmo tempo *v i d e n t e* e visível. Ele, que olha todas as coisas, também pode olhar a si e reconhecer então o que está vendo ‘o outro lado’ de seu poder vivente. Ele se vê vidente, toca-se tateando, é visível e sensível por si mesmo (MERLEAU-PONTY, 1984, p.278).

Nessa abordagem filosófica, estamos diante de um sistema de identificação que trata o corpo sempre sob a ideia de unidade e de interação. A percepção nesse caso é sempre dinâmica e nunca omite a consciência do próprio corpo que está no processo de “perceber”. Nisso o que é percebido torna-se vida e experiência do/no sujeito.

Por outro lado, ao vislumbrar o corpo contemporâneo como um conjunto de espaços, a ideia de multiplicidade desses espaços se mostra mutável diante de novos sistemas de representação que se apresentam dia-a-dia no cotidiano humano. Sobretudo, falar de corpo na sociedade contemporânea é falar de multiplicidade e de muitas possibilidades. Nessa abordagem, Domingues (1997) considera que, o ser humano está “todo” na superfície de contato mundana e acrescenta:

O corpo vive em uma atmosfera hiper-rarefeita constituída por uma indefinida série de mercadorias ideológicas das quais se radica e por meio das quais se sente vivo; a moda e os corpos que ela requer, os comportamentos dietéticos, as mil ginásticas orientais e ocidentais, o *body-building*, o *body-piercing*, o corpo das medicinas alternativas e os corpos da pornografia, para olhar, para tocar, para escutar, para mostrar, para combinar... nunca tantos corpos... em tão grande vazio (DOMINGUES, 1997, p.308).

De diversas maneiras, a contemporaneidade vem anunciando que a fronteira entre o mundo e o corpo está cada vez mais permeável. O corpo se apresenta em interface a diversas “redes” organizadas e estruturadas tornando-se cada vez mais comunicacional. No mundo virtual, por exemplo, o corpo é capaz de ações inimagináveis. Velocidade, precisão, rapidez, multiplicidade são características básicas de um corpo virtual que se desconstrói e se desfaz em partes como lhe aprouver.

Para Lévy (1996), cada corpo torna-se parte integrante de um imenso hipercorpo híbrido e mundializado. Para o autor :

o corpo contemporâneo se assemelha a uma chama. Frequentemente minúsculo, isolado, separado. Mais tarde, corre para fora de si mesmo, intensificado pelos esportes ou pelas drogas, funciona como um satélite, lança algum braço virtual bem alto em direção ao céu, ao longo de redes de interesse ou de comunicação. Prende-se então ao corpo público e arde com o mesmo calor, brilha com a mesma luz que outros corpos-chamas. Retorna em seguida, transformando, a uma esfera quase privada, e assim sucessivamente, ora aqui, ora em toda parte, ora em si, ora misturado (LÉVY 1996, p.33).

A virtualização em Lévy (1996) não é uma desencarnação, mas sim uma multiplicação. Os dispositivos tecnológicos virtualizam os sentidos. Por exemplo: a televisão, o celular, os computadores e a internet no cotidiano do ser humano. São milhares de pessoas conectadas. A relação entre corpo e tecnologia torna-se cada vez mais intensa, tornando a mixagem homem-máquina cada vez mais sutil e indelével. Para o autor, estamos construindo um “metacorpo”, um corpo que não é mais orgânico, mas um corpo idealizado ainda contaminado pela ideia ocidental tecnicista e tradicional de corpo como algo a ser domado, controlado, manipulado.

Os espaços do corpo contemporâneo, portanto, são integrados numa totalidade mas também múltiplos e híbridos, sendo produzidos como instrumento de reflexão e de crítica sobre o próprio corpo, o movimento, sobre a existência das coisas, da cultura, da vida e da arte. Na cibercultura, o sujeito é conduzido para determinadas escritas e leituras próprias. No caso da cultura livre as relações entre enunciador e enuncitário são condicionados, sobretudo, pela perspectiva dialógica destas relações.

3. Dança: uma dimensão poética do corpo na cibercultura

Por princípio, tomando a dança como possibilidade de expressão e obra artística, o poeta Paul Valéry em seu livro *A Alma e a Dança*, colabora para estas reflexões quando nos fala sobre o lugar do sensível e do inteligível em sua concepção de arte e estética.

Para Valéry (1996), no contexto da dança não é possível separar o sensível do inteligível, ou vice-versa, pois ambos se tornam totalidade, em comprometimento com a realidade palpável, o sabor, o contorno de nossas percepções. Em *A Alma e a Dança*, nas palavras do poeta:

Sonho, sonho, mas sonho inteiro penetrado de simetrias, só ordem, só ato e seqüência !... Quem sabe quais leis augustas sonham aqui ter tomado claras faces, e concordado no desígnio de manifestar aos mortais de que modo o real, o irreal e o inteligível se podem fundir e combinar-se conforme o poder das Musas (VALÉRY, 1996, p.29)?

Pode-se dizer que, numa ação superadora das dicotomias sensível e inteligível, corpo e mente, Valéry (1996) nos apresenta um movimento realizador e construtor de valores em direção a perspectivas de novas realidades a partir do ser, à medida que transcende o objeto dos sentidos da mera impressão à apreensão autêntica do real.

Atualmente, a dança é desenvolvida de maneiras e estilos variados, apresentando textos, métodos próprios, trabalhos/estudos diferenciados e influenciados tanto por inúmeras ações socioculturais como também pela tecnologia, por diversos braços da escola de arte moderna, pós-moderna. Nesta perspectiva, por mais complexas que sejam as definições e conceituações de dança, a ideia básica ainda é que a dança é composta por movimentos e gestos corporais. Para Dantas (1999), uma das especificidades da dança está no fato de que movimentos transformados em gestos de dança adquirem características extra-ordinárias, pois os fatores espaciais, temporais, rítmicos e o próprio modo de movimentação do corpo tornam-se diferentes e particulares adquirindo valores em si mesmos, ou seja, movimentos comuns são transformados em dança. Outra especificidade é a sua forma simbólica livre que tem de transmitir ideias de emoção, consciência, sentimentos e expressar tensões físicas e espaciais.

A dança na cibercultura torna-se uma dança mediada por um corpo virtualizado e nesse caso a tecnologia digital interfere no modo como o enunciatário percebe o mundo, o outro e o próprio corpo. Na ciberdança, tudo na tela se integra e reintegra. O cibercorpo em dança é ao mesmo tempo a concretização e a virtualização de uma experiência vivida, orientado pelo princípio de que a experiência é um termo que abrange as inúmeras e diferentes maneiras pelas quais o ser humano passa a conhecer e a construir sua realidade vivida. Para Merleau-Ponty (1994, p.3), seja do meio físico ou social ou mesmo da experiência do outro, as nossas experiências não provêm apenas de nossos antecedentes, mas de experiências pessoais que fazem de cada sujeito, um “ser-próprio”.

Nesse sentido, assim inspirados, nos sentimos a vontade em considerar que no processo vivido na cibercultura, estas experiências são únicas e vão ao encontro dos repositórios individuais, coletivos e socioculturais. Cada traço, cada gesto, cada gosto etc, contribuem para compor a identidade e a realidade vivida por cada sujeito. Além disso, a experiência também não existe ou acontece só e isolada do mundo, mas compartilhada nas semelhanças e diferenças das experiências de outros sujeitos.

Merleau-Ponty (1994) considera que tais experiências iniciam no corpo, e que o mesmo é o que media a relação do sujeito com o outro e com o meio ambiente. Este corpo, portanto é a condição para a experiência e se mostra no processo vivido, a impregnação de valores, de emoção, de saberes, de conceitos etc. Nessa perspectiva e nas palavras de Fremont (1980, p. 49), “o corpo transporta e concentra todas as rugosidades do espaço que o envolve”.

Segundo Merleau-Ponty, (1994), o universo do sensível e o universo da expressão influenciam o ser e sua percepção de si mesmo e do todo que o cerca. Nessa esteira, para o sociólogo David Le Breton ,

As atividades perceptivas a todo instante decodificam o mundo circundante e o transformam em um tecido familiar, coerente, mesmo se ele impressiona às vezes por contatos inesperados. O homem vê, ouve, sente, saboreia, toca, experimenta a temperatura ambiente, percebe o murmúrio interior de seu corpo, e assim faz do mundo uma medida de sua experiência, o torna comunicável aos outros, imersos como ele no centro do mesmo sistema de referências sociais e culturais (LE BRETON, 2016, p. 16).

Segundo a artista plástica Fayga Ostrower, podemos conhecer o essencial da visão de vida dos artistas, pois os mesmos partem sempre de suas vivências e experiências reais para dar forma às suas obras. Para a autora,

(...) as formas de linguagem não existem independentes de conteúdos, e que o “como” é o seu “o quê”. Aliás, este “quê” determina invariavelmente o “como”. O artista tem algo a dizer; ele quer e precisa dizê-lo. Entenda-se bem: ao criar, o artista não “inventa” nada (nem a criação corresponderia a uma espécie de acrobacia cerebral). Ele não inventa os conteúdos existenciais, que são suas próprias vivências, assim como não inventa as formas expressivas/comunicativas de seu estilo, pois serão os termos mais adequados de que ele puder encontrar para configurar os conteúdos vividos. Nisto, sem dúvida, o artista trava sua luta apaixonada consigo mesmo. (...) Na experiência artística, ninguém impõe nada a ninguém; enriquecemos porque crescemos espiritualmente, e no que crescemos, ganhamos maior liberdade no viver. O que confere a todas as imagens de arte seu significado existencial – das obras mais profundas às menos complexas – é que sempre envolvem um diálogo com a nossa consciência, através da nossa sensibilidade. Nas obras de arte, este diálogo vem atravessando os tempos, os séculos e as culturas, e permanece atual (OSTROWER, 1995, p. 69).

A arte e a experiência artística na cibercultura, em específico na cultura livre vai se manifestar conectada às trocas culturais que transitam nos espaços virtuais. Nestes espaços, o corpo em estado de arte salta da tela do computador.

Deparamos-nos com a intrigante e instigante complexidade do corpo com suas emoções, sentimentos, ações, pensamentos, imaginários, técnicas, histórias desdobrando e dilatando em plasticidades corporais, criando interfaces que se revelam na construção de linguagens dançantes em que significações e símbolos se fazem plásticos no tempo e nos diversos espaços.

Assim, vislumbrar o corpo e seus movimentos no acontecimento da dança, inclusive, no ciberespaço perpassa por compreendê-los como canais de comunicação e de uma linguagem expressa entre signos, símbolos e significados, reflexos conscientes ou não conscientes da sociedade e de seu imaginário.

Nesse sentido, pensar a dança no ciberespaço como objeto privilegiado para análise da contemporaneidade, é uma possibilidade indispensável. Para Siqueira (2006), a dança

(...) inserida em um contexto cultural ou em um meio sujeito a práticas socioculturais específicas, como qualquer objeto de cultura, é marcada por uma época, plena de características de seu tempo. É próprio da dança representar o mundo tanto na sua totalidade quanto em sua diversidade. Pode, além disso, exprimir sentidos de valor simbólico que passarão por processo de negociação entre artista e audiência, entre quem produz e quem “consome”. Essa idéia de negociação promovida pela dinâmica cênica ressalta o caráter incontrollável da construção de sentido (SIQUEIRA, 2006, p.20).

Nessa perspectiva, a autora associa a dança a um caráter desvelador, pois tem a capacidade de dizer sem exprimir diretamente ou dizer de modo indireto através de um discurso que é carregado de conteúdos, mas também de formas portadoras de elementos/sentidos “locais” e “universais”, frutos de uma rede de conhecimentos técnicos

corporais, filosóficos, culturais e inteligentes coletivamente. No *Youtube*, por exemplo, quantas danças, quantos corpos, nos impactam, nos encantam e nos emocionam.

4. Palavras finais

Grosso modo, no âmbito da cultura, a dança pode ser compreendida como um fenômeno social, construída a partir de imagens corporais e da identidade desse corpo histórico que se move se descortinando e revelando o sujeito em seu tempo. No cibercultura não é diferente, a dança também se configura em uma rede de interpretações que permite que o corpo em dança se movimente de inúmeras maneiras, estilos e técnicas próprias manifestando identificações e pensamentos comuns de uma mesma época, mas também com propostas distintas.

Por isso, ao refletir sobre o corpo em dança, na cibercultura, retomo o princípio merleau-pontiano de um corpo uno: um ser humano-uno em sua expressão, mas por outro lado múltiplo na percepção. Não apenas uma rede de músculos que se contraem isoladamente ou as emoções ou o intelecto de alguém que se inquietam dicotomicamente, é o ser por inteiro se exprimindo dentro da tela, eternizado no tempo e no espaço virtual. Nesta experiência existencial, muitas vezes as informações que se dão a ver manifestam a vida numa multiplicidade de sentidos e de experiências vividas. Nas experiências vividas, presume-se que os impactos sobre o enunciatário possam ser elencados e analisados.

Compreender os conceitos, que transitam e dialogam sobre o corpo e a dança na cibercultura e na cultura livre, pode ser significativo para a percepção sobre como o sujeito enunciatário inserido na cultura digital estabelece, cria, ressignifica a si mesmo e suas relações com o mundo. Refletir sobre essa realidade é, sobretudo, uma necessidade de refletir sobre o lugar, a existência e as experiências vividas do/no ser humano na contemporaneidade e dos contratos de linguagem estabelecidos na interface da cultura digital.

REFERÊNCIAS

- DANTAS, Mônica. *Dança: o enigma do movimento*. Porto Alegre: Editora UFGS, 1999.
- DOMINGUES, Diana Maria Gallicchio (org.). *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: UNESP, 1997.
- FRÉMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Coimbra - PT: Almedina, 1980.
- LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Ed34, 1996.
- LE BRETON, David. *Antropologia dos sentidos*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- _____. O olho e o espírito. In. Coleção: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- OSTROWER, Fayga. *Acasos e criação artística*. Rio de Janeiro: Campus, 1995.
- SIQUEIRA, Daniele Costa Oliveira. *Corpo, comunicação e cultura: a dança contemporânea*. Campinas: Autores Associados, 2006.
- VALÉRY, Paul. *A alma e a dança*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.